

# PRETA FERREIRA: A PRISÃO COMO QUARTO DE DESPEJO

PRETA FERREIRA: THE PRISON HOW EVICTION'S ROOM

Izandra Alves<sup>1</sup>

Aryeli de Oliveira da Costa Ortiz<sup>2</sup>

**RESUMO:** A literatura negra produzida no Brasil é ainda pouco difundida na academia, principalmente, a escrita por mulheres. Este artigo discute a escrita de diário como possibilidade de denúncia social e condição de dar visibilidade às vozes das mulheres negras, sendo elas mesmas as portadoras de suas falas e as protagonistas de suas narrativas. Assim, a obra de Preta Ferreira, *Minha Carne* (2021), dialoga com importantes nomes de teóricos da atualidade que debatem racismo estrutural, violência e demais críticas nas áreas social, política e de gênero. O que se percebe é que as condições de vida de Preta, autora da obra, contribuem para que ela se diferencie de muitas outras pretas como ela e que, infelizmente, não tiveram as mesmas oportunidades de estudar. Dessa maneira, a autora toma para si a responsabilidade de combater as distintas formas de opressão que atingem as mulheres negras do país e se coloca como porta-voz de suas lutas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diário; Racismo; Mulheres.

**ABSTRACT:** The black literature produced in Brazil has little circulation in the academy, especially female writing. This article discusses the journal's writer, as a possibility for social complaint and visibility for black women voices, being them the holders and protagonists of their narratives. Thus, *Minha carne* (2020), dialogues with important theoretic names to discuss structural racism, violence and other social matters. What it's possible to understand about Preta Ferreira, the book's author, is that her life conditions have contributed to her life. This way, the author takes to herself the responsibility to fight the oppressions that harm black women in Brazil to be a spokesperson, a voice, for them.

**KEYWORDS:** Journal; Racism; Women.

---

<sup>1</sup>Doutora em Letras pela Universidade de Passo Fundo – Brasil, com período sanduíche em Universitat de Barcelona – Espanha. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Brasil. (ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6063-3753>. E-mail: [izandraalves@hotmail.com](mailto:izandraalves@hotmail.com).

<sup>2</sup>Mestranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0069-946X>. E-mail: [aryeliocortiz@gmail.com](mailto:aryeliocortiz@gmail.com)

## 1 Introdução

Uma das maiores representantes das mulheres negras que vem marcando espaço na política e nas ações sociais no Brasil, durante a última década, é Preta Ferreira. Foi a partir de uma injusta prisão política, ocorrida no ano de 2019, a qual marcou a sua vida e a sua trajetória, que ela se tornou conhecida mundialmente. Ao ganhar notoriedade, foi possível acompanhar seus longos 108 dias em que viveu - e sobreviveu - na penitenciária de Santana, juntamente com diversas outras reeducandas, como são chamadas dentro desse local.

A história de Preta começa antes de sua prisão, quando sua mãe, Carmen Silva, saiu da Bahia para a cidade de São Paulo e, junto com seus filhos, ajudou a construir um dos maiores movimentos de ocupação do país de grandes centros urbanos. Por se tornar um dos símbolos e referências na luta por moradia, Preta se tornou alvo de políticas anti-sociais e foi presa de forma injusta no ano de 2019. Por meio de suas palavras escritas e sua narrativa diária, é possível ter uma visão de dentro da prisão e saber, por meio da voz de uma mulher, as injustiças que permeiam as grades e cadeados de Santana.

A escrita se torna uma companheira para Preta, cotidianamente, as palavras tornam as folhas vazias, em registros dos dias de Preta e das demais reeducandas, assim como tudo o que passaram (e muitas ainda passam). Como Philippe Lejeune (2014) coloca em *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet*, “[...] o diário se escreve na duração. A série não é forçosamente quotidiana nem regular. O diário é uma rede de tempo, de malhas mais ou menos cerradas... (LEJEUNE, 2014, p. 260). O tempo e o medo de Preta se misturam na malha temporal que foram os seus dias na prisão. Em sua escrita, crua e poética ao mesmo tempo, quem lê percebe os sentimentos de Preta, seus anseios, sua esperança se misturando às histórias de outras mulheres narradas pela sua escrita.

A alimentação precária, as poucas horas de sol, as visitas aos sábados e as conversas por entre grades, assim como a voz de Preta reverberando entre noticiários e denunciando a injustiça daquela prisão. Enquanto todo o Brasil e o mundo assistiam

e acompanhavam aqueles pesados dias por meio das câmeras e notícias, Preta segurou nas suas crenças e na certeza de que seria libertada, assim como foi. Foi por meio da luta de diversas pessoas que cientes da sua inocência, que buscaram constantemente provar, por meio de leis e provas, a sua inocência. Mas também por meio da fé em si e da fé religiosa, que Preta pode, hoje, contar a sua história e a história de diversas outras mulheres que vivem engaioladas pelas grades e pelas mãos das desigualdades sociais, de gêneros e de raça que permeiam a história do nosso país e do mundo.

Assim, com o intuito de discutir a importância da escrita de Preta Ferreira para a luta de tantas outras mulheres negras brasileiras, este artigo traz apontamentos de *Minha carne* (2021) que dialogam com teorias que debatem o racismo, o feminismo e a relevância da literatura negra como forma de poder. Por vezes, é inevitável a menção a outra grande escritora negra brasileira que também fez do diário sua forma de protesto e de luta pela sobrevivência. Trata-se de Carolina Maria de Jesus que surge aqui de modo discreto, pois o objetivo deste texto não é, neste momento, tratar de comparativos, contudo, por vezes, as histórias se cruzam, apesar das diferenças temporais.

## 2 Preta Ferreira e a (in)justiça brasileira

Janice Ferreira é seu nome de registro. Porém, por conta das posturas e lutas que assume na vida, prefere ser chamada de Preta Ferreira, um nome forte e que pertence a um corpo e alma potentes. Ao visitar o *site* do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) - o qual Preta constrói juntamente com a sua mãe, Carmen Silva, uma das fundadoras do MSTC – há uma apresentação sua. Nele, Preta é descrita como escritora, cantora e ativista dos movimentos sociais, mas, principalmente, como uma lutadora pelo direito à moradia para todos.

Multiartista, comunicadora inata e de formação, trabalhadora trabalhadeira, tem como vocação transformar o mundo em que vive, com vistas ao desenvolvimento cultural e econômico, a partir de pequenos grupos, com promoção da paz e justiça social. (MSTC).

Em seu livro *Minha Carne* (2021), Preta Ferreira insere o leitor na história ao narrar sobre sua trajetória até São Paulo, a qual iniciou no ano de 1999. A autora sempre teve uma relação próxima à sua mãe, a qual se mudou para São Paulo em busca de uma vida mais digna para si e para seus filhos. Como quase toda família que se constitui sem privilégios sociais e que se depara com o machismo e o racismo, Carmen Silva precisou escolher um caminho para sair da violência doméstica, que infelizmente permeava seu casamento. Foi assim que Preta teve na mãe um grande exemplo de luta e resistência e soube, então, que nunca estaria sozinha. Mesmo que a vida insistisse para que Preta deixasse de sonhar e se convencesse de que a arte e a cultura não eram sonhos possíveis para si, ela teimou, brigou e seguiu os caminhos difíceis e imprevisíveis para quem escolhe a arte e cultura. Formou-se em Publicidade em 2012, e é hoje uma das maiores artistas das vozes negras do Brasil, destacando-se como artista e ativista dos direitos humanos. Em paralelo com a sua carreira, Preta Ferreira mantém forças voltadas às ocupações da cidade de São Paulo, visto que foram a sua primeira morada quando chegou à cidade, assim como foi um dos primeiros passos para ser uma grande artista em nosso país.

E sinto que tenho que retribuir ao mundo o que o Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC) fez por mim. Foi esse movimento que me empoderou, me ensinou que todos tem o direito à moradia digna, saúde, educação e lazer. E assim surge meu ativismo pelo direito à cidade e à equidade. (FERREIRA, 2021, p.19).

Com o intuito de que se possa compreender como a vida de Preta Ferreira teve uma reviravolta que a transformou de militante por justiça social e moradia digna, à presidiária e autora de um diário no cárcere, cabe, primeiro, contextualizar os movimentos de ocupação urbana. De acordo com os estudos de Roberta dos Reis Neuhold, em sua dissertação intitulada *Os movimentos de moradia e sem-teto e as ocupações de imóveis ociosos: a luta por políticas públicas habitacionais na área central da cidade de São Paulo*, de 2009, esses movimentos buscam representar a ocupação de locais que não estão sendo utilizados ou mesmo abandonados, o que

difere de invasão, que remete à ideia de invadir pela força, de forma agressiva e desrespeitosa.

Nos anos que configuraram o Golpe Militar de 1964, os espaços urbanos tiveram uma grande mudança quando, por conta das crises econômicas do país e da elevação do êxodo rural, a população urbana nos centros do país aumentou de forma considerável, sendo boa parte constituída pela população negra (GONZALEZ, 1982). Para além das questões trabalhistas e econômicas, havia também uma necessidade básica para os habitantes das cidades: moradia. Para a população pobre e marginalizada, foram os espaços destinados pelo governo: a favela e os locais periféricos, longe do centro da cidade e, na maioria dos casos, sem saneamento básico e/ou espaços de lazer, por isso. Porém, como boa parte dessa população fazia parte da mão de obra da cidade e nutria as empresas e indústrias com sua força de trabalho, havia a necessidade de deslocamento ou, por lógica, a urgência em habitar espaços mais próximos ao centro. Como bem colocado por Gonzalez (1982), a intenção sempre foi impedir a unidade e organização dos grupos dominados, utilizando todos os meios possíveis, utilizando do discurso de ordem e segurança para justificar a repressão.

A necessidade de moradia digna sempre existiu, desde a assinatura da Lei Áurea até hoje os negros buscam espaços para viver e trabalhar dignamente. Acerca dessa pauta, há registros de que desde a formação dos chamados cortiços, no século XIX, os moradores já reivindicavam seus direitos e lutaram contra os despejos e altas taxas nas cobranças das moradias, como debatem Luciana Tatagiba, Stella Zagatto Paterniani e Thiago Aparecido Trindade (2012), em seu artigo intitulado *Ocupar, reivindicar, participar: sobre o repertório de ação do movimento de moradia de São Paulo*. Indo ao encontro dessa discussão, o fato de existirem inúmeros imóveis desocupados e ou abandonados no centro da cidade de São Paulo e que não desempenham sua função social além de, muitos deles, possuírem imensas dívidas para com a união, leva as organizações como o MSTC a vê-los como forte potencial de solução para o problema de falta de moradia para quem dela necessita.

Nesse sentido, a lógica do sistema é simples: quando há imóveis sem moradores e quando há pessoas que necessitam de moradia é preciso equacionar. Assim, além de ser um direito básico, segundo o Artigo 17 da Declaração dos Direitos Humanos (1948) que diz: “Toda a pessoa, individual ou coletiva, tem direito à propriedade. Ninguém pode ser arbitrariamente privado da sua propriedade”, também deve ser uma demanda governamental, porém, não é o que ocorre no Brasil, tampouco na cidade de São Paulo.

As atuais ocupações dos centros urbanos, são a herança das lutas iniciadas pelos moradores dos cortiços dessas mesmas localidades e, “É em referência a esse cenário de negação de um direito básico de cidadania que o movimento de moradia erigiu-se como ator coletivo sob a chave do direito à moradia digna”. (TATAGIBA, *et al*, 2012, p. 400). Esse movimento, por se tornar essencial para garantir moradia (um direito básico) a pessoas em nosso país, se torna necessário ao longo do tempo, ganhando cada vez mais força nos dias de hoje.

Antes mesmo de Preta Ferreira ser moradora de São Paulo, sua mãe, Carmen Silva, já construía os movimentos de moradia com muitos outros habitantes da cidade. Assim como as favelas, esse movimento tem, para além de uma significância social, também racial, visto que a maioria da população pobre e marginalizada é negra e, em grande parte, constituída por mulheres negras, assim como a mãe de Preta e assim como Carolina Maria de Jesus: ambas mulheres que lutaram contra a pobreza e buscaram um futuro digno para si e para seus filhos.

Meu crime foi nascer mulher, preta e pobre em um país racista e machista, onde quem luta por seus direitos é alvejado ou preso injustamente por criminosos de colarinho branco. Ainda acham que somos escravos e devemos aceitar suas migalhas, ainda acham que devemos nos curvar, nos silenciar diante de tanta injustiça e desigualdade social. (FERREIRA, 2021, p.50).

Preta construiu e ainda constrói os movimentos por moradia digna, mas, justamente por ter em paralelo a esses movimentos uma carreira artística, cresceu e se tornou um dos nomes mais importantes da cena musical no Brasil, e foi assim que

conheceu diversos artistas do país. Junto a sua carreira, sempre deixou clara a sua luta por moradia, assim como o seu posicionamento político, que critica os governantes exploradores de direita. Além disso, busca, através de sua arte e lutas diárias, uma maior visibilidade às injustiças sociais que ainda ocorrem no Brasil. “Estão exterminando os pobres, matando o povo, e não só no genocídio cometido pela polícia. Há o genocídio social, o genocídio dos excluídos, a herança da escravidão” (FERREIRA, 2021, p.154).

Em 2019, quando foi presa injustamente, também foi o ano em que o país adentrou nas profundezas do fascismo e sofrendo com a carência de um governo que focasse suas ações para e pelo povo e não contra ele. Preta Ferreira, justamente por ter uma luta identitária, ser uma das vozes que representa ainda hoje a oposição ao governo fascista, virou alvo dos governantes e da polícia de caráter genocida. Em entrevista para o Brasil de Fato, durante o período do cárcere, em 2019, Preta Ferreira fala sobre a sua prisão injusta e indevida. Segundo ela, estas são as armas usadas pelos governantes autoritários para desestabilizar o movimento de ocupações.

O que existe no Brasil no judiciário é uma seletividade, é o que está acontecendo nesse momento atual da república. Para quem serve a justiça? Para quem tem dinheiro? Onde está a justiça? Como se faz justiça nesse país? Meu irmão nem faz parte do movimento e está preso [...]. A nossa detenção não é ameaça, mas faz parte de um plano: prende-se às lideranças, amedronta quem não tem moradia, e aí acaba porque os verdadeiros criminosos estão lá, vestindo colarinho branco. (SUDRÉ, 2019).

Nessa mesma entrevista, Preta fala sobre como se organiza o movimento 9 de julho (do qual faz parte do MSTC e é liderado por sua mãe). Explica, ainda, que os moradores realizam uma contribuição mensal, para manutenção do prédio. Essa é uma importante informação, visto que a sua prisão ocorreu por uma denúncia anônima, informando que Preta estava envolvida em desvio de dinheiro nas ocupações, segundo a mesma informa durante a entrevista e em seu livro.

Neuhold (2009) destaca que os movimentos de ocupação denunciam a quantidade de imóveis abandonados, e solicitam canais mais diretos para dialogar



sobre as moradias para a população de baixa renda nas áreas do centro, assim como exigiam o funcionamento das políticas sociais na cidade. Essas demandas, que partem da população pobre, mostram as injustiças do país: defender moradia digna e ocupação dos centros, se tornaram ameaça para os governantes dos últimos anos. Por isso, tudo que é ameaça ao capital, à propriedade e à ordem estabelecida precisa ser barrada, paralisada, desmerecida e afastada dos demais. Hasenbalg (1982) já explicava que o racismo é um dos mecanismos utilizados para a manutenção da dominação de classes, em benefício do capitalismo. Assim, Preta vai para a prisão e leva consigo a carga de abandonar os seus e deixá-los à mercê dos donos do capital imobiliário.

Prédios ociosos, favelas. Eles não querem pobre se dando bem, eles querem pobres morando nas piores zonas, só aparecendo pelas portas dos fundos para trabalhar - o elevador tem que ser o de serviço, pois o cachorro da madame não está acostumado com negro. (FERREIRA, 2021, p.110).

Mas, justamente por ser uma liderança das minorias, acostumada a lidar com o fascismo e suas artimanhas e trapagens, quando Preta Ferreira foi presa, suas forças ancestrais acompanharam-na e, no cárcere, encontra formas de nutri-las. A esperança vem em forma de encontro. Ela encontra mulheres que em situação ainda piores do que a sua, precisavam de sua sabedoria de mulher estudada que era. Leonardo de Souza Moretto em seu trabalho *Prisões políticas* (2021), nos fala que a criminalização desses movimentos ocorre quando os interesses dos movimentos sociais colidem com os da classe dominante, tendo reações para a mudança dos status dessas pessoas. Assim, o diário de Preta aponta para outras vozes além das dela. Traz vivências de outras mulheres que também esperam por justiça e por liberdade.

Fui separada da minha família, dos amigos, da luta, fui humilhada, torturada, mas não baixei a cabeça. Minha vida não se limita a essa prisão. A fé que tenho em Deus e na Sua justiça é maior. A verdadeira justiça vem de Deus, do universo, das forças ocultas, dos orixás, é nisso que confio. (FERREIRA, 2021, p. 191).



### 3 Mulheres canceladas: a história narrada desde dentro do despejo

Assim como Preta, diversas outras mulheres foram e ainda são presas de forma injusta, sendo alvo das desigualdades que ocorrem no Brasil. Em países subdesenvolvidos como este, as prisões são utilizadas como primeira resposta ao que acontece de errado ou sai do controle da ordem do capital; mesmo para os crimes que não possuem provas, são elas que se impõe como solução. Por conta disso, estão abarrotadas de encarceradas que aguardam julgamentos que nunca chegam. São as mulheres, mas principalmente as mulheres negras, o principal alvo dos movimentos de encarceramento.

De acordo com a pesquisa de Andrea Pires Rocha (2020) em seu trabalho *Segurança e Racismo como pilares sustentadores do Estado Burguês*, no sistema capitalista, as instituições prisionais têm por função diversos instrumentos sociais racistas e eletivos, e isso ocorre durante toda a construção de legislações que são voltadas ao controle da população pobre e negra. Ou seja, no Brasil, além das favelas e das (não)moradias (rua), as prisões são um dos lugares destinados à população negra e de classe baixa. No caso de Preta Ferreira, ao ser presa, vivenciou durante 108 dias como é o cárcere por dentro das grades e sentiu na pele o que significa ser vítima de um estado opressor, racista e misógino, por defender aquilo que acredita e por buscar a mudança.

Sinto como se tentassem me colonizar.

Quem disse que preciso de reeducação? Aqueles que me forçaram a estar neste lugar foram os mesmo que dizem fazer a “justiça”, os mesmo que cometem um crime atrás do outro. A “justiça” desse país é seletiva e racista, e eu nunca serei a tal Preta de “alma branca”, vou sempre ser a Preta que tem sede de justiça para o povo preto. (FERREIRA, 2021, p.102).

A reeducação de Preta, especificamente, seria colocá-la em seu devido lugar, como se a sua prisão fosse um aviso perante as suas atitudes como ativista. Durante sua prisão, Preta Ferreira ficou em cela especial, devido a sua formação em Nível Superior. Sentia-se privilegiada por isso, pois era uma das únicas mulheres negras neste tipo de cela. Precisava, então, valer-se deste diferencial para fazer algo pela

coletividade. Nesse sentido, ao escrever seu diário, não falou somente de si, mas também utilizou da sua escrita para contar a história de outras tantas mulheres que ali estavam.

Falei de peito aberto sobre o sistema prisional, sobre aquelas que estão presas injustamente, sobre o número de mulheres que, assim como eu, estão lá sem julgamento - eu estou há 39 dias, e há outras que estão há anos, não tem família, não te advogado, não tem expectativa de vida...mesmo presa, eu me sinto privilegiada, tenho cela especial, advogados, família e amigos. E as outras? Por que a injustiça me segue em todos os lugares? (FERREIRA, 2021, p.99).

O trecho citado refere-se à entrevista que Preta realizou com os Jornalistas Livres, durante a sua prisão em 2019. Por ser uma ativista reconhecida e pela sua prisão ter tomado grandes proporções em nosso país, diversos artistas, pessoas públicas ligadas a partidos políticos e a população em geral acompanhou o caso da sua prisão. Durante as entrevistas e visitas, Preta falava de si e solicitava atualizações sobre seu caso, mas também lutou pelas suas companheiras de prisão. “Estou pensando em montar uma ONG para ajudar as reeducandas que não têm oportunidade. Quero fazer esse projeto para durante a prisão e depois” (FERREIRA, 2021, p.86). Preta fala da vizinhança, seja pelos seus conselhos e companheirismo, seja pelo lado ruim das relações e convívio na cadeia.

Diferente da detenção injusta de Preta Ferreira, a qual foi uma acusação política, a maioria das reeducandas (assim são chamadas dentro da prisão, pois, segundo o sistema que as priva de liberdade, estão sendo reeducadas) acabam na prisão por conta das suas relações, quase sempre passionais, com homens. Ou seja, tanto livres quanto prisioneiras, as mulheres têm sempre suas vidas e destinos dirigidos/ditados e comandados pelo sexo masculino. A força patriarcal insiste em prevalecer sempre.

A maioria das mulheres está aqui quase pelos mesmos motivos. E foram homens que destruíram a vida dessas mulheres. Maridos, amantes, ex-namorados. Tem até ex que acusou e depois acusou a enfermeira, sua ex, de tentativa de assassinato junto do seu atual namorado. (FERREIRA, 2021, p.77).

Há diversos casos de mulheres que foram sentenciadas por conta dos homens em sua vida, mas também há as questões raciais que envolvem as prisões femininas. Angela Davis fala em sua obra *Estarão as prisões obsoletas?* (2018), sobre como a punitividade com mulheres negras ocorre desde os tempos da escravidão, gerando hoje, dentro das prisões, uma diferenciação entre negras e brancas.

Enquanto as mulheres brancas tinham por cultura serem criadas para ser donas do lar e mães, as negras sempre estiveram na labuta das colheitas, ou seja, o papel reservado a elas sempre foi do trabalho pesado e físico. Davis (2018) coloca pontos importantes de como os crimes cometidos pelas brancas muitas vezes eram (e ainda são) classificados como insanidade (problemas mentais), enquanto os crimes cometidos pelas mulheres negras, são julgados como crime.

Engana-se quem acha que os piores crimes foram das negras. Os piores e mais bárbaros são os das mulheres brancas e de classe média alta. Isso não saiu em nenhuma pesquisa, fui eu que ouvi todas enquanto estive com elas, ouvi todos os crimes, como planejaram, como executaram, etc. (FERREIRA, 2021, p.98).

É importante salientar que o relato de Preta é um recorte do seu período presa, porém, a questão é muito mais ampla e vem desde muito, muito tempo. Em quantas outras prisões essa realidade é comum? Ou seja, quantos crimes bárbaros são cometidos pela população branca, mas o foco se volta para a população negra e é este grupo que normalmente (e injustamente) tem as maiores sentenças, tem os piores locais (celas) e ainda carregam os estereótipos do mundo do crime?, como bem coloca Mayara Ferreira Mattos em *A cor do medo em um território inimigo* (2021), há uma seletividade arbitrária pela polícia, construindo a noção de suspeito e explicitando o racismo institucional, visto que esses suspeitos normalmente são moradores negros que residem nas áreas marginalizadas. O racismo acompanha a criação das prisões, assim como a estruturalização da segurança em nosso país e no mundo tem o racismo como um de seus pilares.

A prisão de Preta Ferreira e a escrita de seu diário, são materiais de denúncia e importantes documentos que revelam a quem se propuser a ver/estudar as condições precárias e comportamentos racistas que permeiam os espaços carcerários.

#### *4 Os registros de Preta Ferreira em 108 dias como reeducanda*

Assim como Carolina Maria de Jesus, em seu *Quarto de despejo* (2021), Preta Ferreira também escolheu o diário como gênero textual para traduzir em palavras escritas os seus dias na prisão. Por isso, há um forte intimismo presente em cada trecho. É possível notar que as emoções da autora ultrapassam o simples registro de seus próprios sentimentos, medos e angústias para serem a representação de uma coletividade. Assim, causam, no leitor, a estranha sensação de que de seus olhos, começam a verter água.

Eu já pensei em várias formas de acabar com a minha vida, mas, calma, eu não tenho coragem para tanto. Também sei que é o diabo tentando entrar em minha mente, que ainda tenho muito o que viver, muito para lutar e conquistar. Minha mãe não merece essa dor. (FERREIRA, 2021, p.79).

Nos momentos em que Preta escreve, é possível perceber o cuidado de si e o diário como um meio de registrar e revisar os pensamentos e ideias que teve durante o período presa, mantendo uma comunicação consigo. Através do relato que faz, é possível identificar como o exercício da escrita fez parte da sua rotina na prisão, sendo muitas vezes a sua âncora naquele local de solidão. É como se precisasse escrever para não enlouquecer. “Escrevo tanta carta que já terminei com a tinta de três canetas, esta que uso agora já está no fim também [...]” (FERREIRA, 2021, p.98). Além do diário, mantinha trocas de correspondências, leitura de livros e conversas com suas companheiras, para as quais deixa claro seus medos, seus pensamentos, mas também a sua esperança em ter a liberdade outra vez, assim como a sua relação com os que estão de fora da prisão.

O problema disso tudo é o gigante volume de cartas a que tenho que responder. Se no celular eu não deixava de falar com ninguém, não

será por cartas que farei isso. Acho emocionante receber correspondência, tem umas aqui das crianças, com desenhos. (FERREIRA, 2021, p.98).

Além das cartas, Preta conseguiu manter uma relação com sua família durante as visitas e, por conta da repercussão do seu caso, realizou diversas entrevistas e conversas com pessoas da área da política, dos meios de comunicação e do direito, que cuidavam do seu caso. “Geralmente as presas da cela especial recebem visitas dos advogados no salão, mas eu recebo no salão presidencial.” (FERREIRA, 2021, p.91).

Os contatos que teve com o mundo exterior ocorreram em paralelo a sua prisão, onde teve tratamentos diferentes das demais reeducandas, pelo fato de ser uma preta estudada. Contudo, esse privilégio foi usado por ela para também, conseguir que mudanças ocorressem para todas ali dentro.

Quase sempre tenho que me fazer de forte, pois sempre uma de nós está triste, desesperançosa. Eu solto palavras certas e precisas, nem sempre aliso, tem horas que tenho que dar um choque de realidade. [...] Estou pensando em montar uma ONG para ajudar as reeducandas que não tem oportunidade. Quero fazer esse projeto para durante a prisão e depois. (FERREIRA, 2021, p.86).

Em cada palavra sua, é possível ver o desconforto que beira a revolta, por ser privada de sua liberdade: "Falta um dia para um mês completo da injustiça. Um mês de uma prisão mentirosa, fraudulenta. Que indignação!" (FERREIRA, 2021, p.61). O que mais a atormenta, e fica evidente em seu relato, é que foi presa sem ser que realmente fosse culpada de algo. “Sabe, não é fácil estar em lugar desses, não mesmo, ainda mais quando se é inocente e se tem provas disso [...]” (FERREIRA, 2021, p.63). Contudo, em tantos outros momentos, também é visível sua vontade de mudança na vida dessas outras mulheres. Preta conseguiu ver um outro lado que não tinha contato direto: além da luta por moradia, ela encontrou uma nova luta a que agregar: pelas mulheres negras presas injustamente.

O racismo faz parte da estrutura das prisões e, principalmente, das injustiças que ocorrem nesses locais. Preta denuncia, então, que são as mulheres negras as que mais sofrem dentro do sistema carcerário, mesmo tendo cometido delitos mais leves que as brancas. Com ela não foi diferente: sua prisão foi mais um dos casos de racismo que fazem parte das histórias das prisões do país.

Nesse sentido, Rocha (2020) fala em como o racismo é um dos pilares do estado burguês e é algo estrutural, está imbricado na constituição da sociedade burguesa capitalista excludente. Da mesma forma, Gonzalez (1982) denuncia que, com a divisão racial do espaço, também ocorre o racismo no que diz respeito ao tratamento policial. Para a população branca, eles possuem o papel de protetores e cuidadores da ordem e do bem-estar, mas, nos espaços destinados à população negra e pobre, ocorre o contrário: seu papel é oprimir, violentar e colocar medo.

Preta vive entre dois mundos: o do quarto de despejo, que é a cela, trancada e sem comunicação, e a sala de visitas que é o salão presidencial da prisão, onde faz suas entrevistas, conversas e que representa como meio de denúncia da injustiça que está vivenciando. Quando está na cela, como reeducanda, Preta direciona o leitor à realidade daquele momento: a tranca, o silêncio, a comida ruim e as conversas com as demais mulheres de lá, assim como o tratamento que recebem.

Todas as noites, a gente inventa um assunto pra ficar falando na boqueta, é um jeito de tentar passar o tempo. As noites são solitárias, a gente só consegue se ver no outro dia quando abrem as portas, às 9h da manhã.

Agora são 17h e já estou na tranca, que é o pior momento. Às vezes fico olhando o anoitecer através das grades, ouço as mariticas e converso com Deus, que é o único que me ouve. (FERREIRA, 2021, p.96).

O silêncio também se revela um importante confessor para a autora, são nos momentos de ausência de sons externos que seus pensamentos fluem melhor e, assim, parece facilitar a conexão direta com suas crenças: ela consegue falar com

Deus. Esta conversa parece auxiliá-la em seu modo de agir, quando o dia recomeça e as grades voltam a abrir-se para o reencontro com as demais prisioneiras.

Quando está na sala de visitas, Preta conversa com pessoas que conhecia antes da prisão e que têm voz para denunciar e fazer o alarde necessário e chamar a atenção do mundo para a injustiça da sua prisão. Contudo, vale-se desses encontros, também, para falar sobre o que acontece lá dentro com as demais prisioneiras; ela denuncia situações de abusos e descasos para com suas companheiras mulheres negras. Dessa forma, em algumas situações, intervenções são feitas e pequenas conquistas acontecem.

Pode-se analisar esta situação, novamente, comparando a sala de visitas com o quarto de despejo. Ao mesmo tempo em que Preta percebe que mudanças estão acontecendo ali, nota, também, que são temporárias, somente por causa de sua presença, por causa do foco que a mídia dá para o caso, por causa dos momentos em que ela está na sala de visitas. Assim, nota que o que fazem não é algo feito para as presas ou por vontade da administração, mas pelas atenções voltadas para sua prisão.

Tenho que ajudar essas presas, meu Deus, é muita injustiça que eu vejo todos os dias. Engraçado, hoje pela manhã uma companheira ouviu dos pedreiros que a Erundina viria me visitar; quando fiquei sabendo, até ri, pois achei que haviam confundido [...]. Agora que vejo esse ‘cuidado’ todo do presídio para comigo, acho injusto. Por que eles não poderiam fazer as coisas naturalmente? Precisa mesmo de visita política para eles fazerem o que recebem pra fazer? Quanta injustiça. (FERREIRA, 2021, p.121).

Dentre todos os acontecimentos, Preta tem a certeza de que o dia da sua liberdade chegará, e sonha com isso diariamente. Ela tem a clareza das indicações que a levaram à prisão, assim como também consegue fazer uma análise social naquele ambiente. Silva (2017) explica que quando a pessoa escreve sobre si mesma, há uma prática de autoexame de pensamentos e atos do dia a dia. Além de escrever em forma de diário, relatando seus dias, Preta também está isolada da sociedade e possui poucos contatos com o exterior da prisão e praticamente nenhum com a tecnologia. A sua prisão ocorreu em 2019, quando tinha uma vida agitada e



comunicativa; era uma artista ativa e participante dos movimentos sociais. A sua prisão, além de ser injusta, tirou a sua liberdade e a isolou da sua vida e da rotina. “Às vezes me pego pensando em como posso estar presa e, por alguns instantes, me vejo em outro lugar; então, quando abro os olhos, me vejo na cela, trancada, sozinha.” (FERREIRA, 2021, p.135).

Assim como Carolina, a autora de *Minha Carne* viveu e relatou uma vida: acredito que havia uma Preta antes da prisão e, hoje, há outra, depois dessa experiência. A sua narrativa e as mudanças provocadas pela sua luta naquela prisão de mulheres, as quais não só dividiram suas histórias com ela, mas também seu espaço e suas vontades, são de extrema relevância na luta de todas as mulheres negras do Brasil e mostram um outro ângulo do racismo estrutural que ainda é forte por aqui. Nesse sentido, Rocha (2020, p.01) traz uma importante reflexão: “[...] os aparelhos repressivos do Estado estão presentes em ambos os lugares, para alguns como proteção e para outros repressão, naturalizando-se também as prisões como lugar para as pessoas negras”. O diário de Preta, então, se transforma em um documento datado do que acontece no cárcere e com as mulheres que lá estão, trazendo para fora das grades a cruel realidade vivenciada na tranca e que dialoga com a de Carolina, vivida há tantos anos atrás, livre, apesar da escravidão, onde a mesma fala: “Esta prisão parece um navio negreiro com seus escravos acorrentados no porão” (FERREIRA, 2021)

Quando lia sobre isso nos livros de história, eu me revoltava e, ao mesmo tempo, achava que esse tempo não voltaria nunca; por ironia do destino, descobri que tem volta ao presente, ao passado e ao futuro. Nada mudou, só o ano.

Aqui estou eu, presa num futuro que fizeram para mim, tipo as mentiras que eles contavam na escola, na aula de história. (FERREIRA, 2021, p4.).

Ou seja, o navio se transformou em prisão e os porões em celas. Preta consegue perceber a herança da escravidão presente nos dias atuais, onde ela mesma foi empurrada para dentro do barco.

## *5 Considerações finais*

Quando Carolina Maria de Jesus e Preta Ferreira descortinaram para o mundo as suas vidas e as suas experiências de forma a compartilhar o que passaram, deram esperança a todas as outras pretas a fazerem o mesmo. Ainda que a escrita da primeira delas tenha aberto caminho em nossa literatura, o que vemos é um andar ainda em passos lentos. Preta representa a continuidade e a esperança de que a voz das mulheres negras não pode se calar.

O que este texto buscou reforçar é que as palavras de mulheres pretas, principalmente aqui destacam-se as de Preta Ferreira, que se vale da escrita para denunciar as injustiças de um sistema opressor e com isso requerer sua libertação, são importantes registros da sua vida, mas também de muitas outras mulheres prisioneiras ou que lutam por moradia. Por meio do diário contou a sua história de sobrevivência, mas também registrou como é a vida de uma prisioneira e todas as piores desigualdades que podem sofrer.

Preta Ferreira, exemplo de ativista de nossos tempos, faz jus a sua luta, colocando em palavras tudo que vivenciou e observou durante a sua prisão. Por meio de sua escrita, é possível compreender as injustiças que as mulheres, e principalmente mulheres negras, enfrentam durante a vida e quando, infelizmente, precisam encarar os demônios dentro das grades. Por viver a luta da população pobre e negra em seu dia a dia, a injusta prisão de Preta demonstra mais ainda as injustiças do nosso país.

Assim, o que esse estudo demonstra é que seja nas favelas ou nas prisões, nas senzalas ou nos navios, o racismo e o genocídio continuam segregando a população em nosso país. A luta de mulheres como Preta, assim como a escrita de sua narrativa, é instrumento de revolta contra o apagamento da história da população pobre e minorizada. Estes registros, sempre serão parte do que não pode ser esquecido, do que precisa ser lembrado, para que a luta e a busca pela justiça social não sejam

abandonada. A literatura negra, as palavras que surgem de mãos escuras, cansadas, são a nossa história e esta não pode ser apagada.

Por fim, cabe trazer presente o que Angela Souza e Júlia Alves apresentam como verdade para a luta das negras por visibilidade e respeito, em *Vozes Mulheres* (2022, p.11). Dizem as autoras que é preciso criar um movimento de mulheres, que seja mudança, que carregue memórias, ações e lutas, por meio das “negras palavras tecidas”. Assim, trazer os registros de Preta Ferreira, representante da luta pela sobrevivência em um mundo injusto, branco e patriarcal, significa juntar-se a ela na certeza de que é preciso dar um basta no costume de outros falarem sobre e pelas mulheres negras. É hora delas escreverem sua história.

### REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. *Estarão as prisões obsoletas?* Tradução de Marina Vargas. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Difel, 2018.

FERREIRA, Preta. *Minha Carne*: diário de uma prisão. São Paulo: Boitempo, 2021.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico*: de Rousseau à internet. 2. ed. Belo Horizonte: Ufmg, 2014. 404 p. Jovita Maria Gerheim Noronha (Org.).

MATTOS, Mayara Ferreira. A cor do medo em um território inimigo: a “fundada suspeita” enquanto dispositivo regulador da violência policial e consequente extermínio de pessoas negras no aglomerado da serra/belo horizonte/mg. In: *Encontro nacional de antropologia do direito*, 7., 2021, São Paulo. Anais [...] . São Paulo: Uff, 2021. p. 1-15.

MORETTO, Leonardo de Souza. *Prisões políticas*: uma análise do uso do processo penal para a criminalização dos movimentos por moradia popular no processo-crime nº 0066250-35.2018.8.26.0050/sp. 2021. 68 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharel em Direito, Centro de Ciências Jurídicas, Ufsc, Florianópolis, 2021.

NEUHOLD, Roberta dos Reis. *Os movimentos de moradia e sem-teto e as ocupações de imóveis ociosos*: a luta por políticas públicas habitacionais na área central da cidade de São Paulo. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2009.

PRETA Ferreira. Disponível em:  
<https://www.movimentosemtetodocentro.com.br/preta>. Acesso em: 15 maio 2022.

ROCHA, Andrea Pires. *Segurança e racismo como pilares sustentadores do Estado burguês*. Argumentum, [S.L.], v. 12, n. 3, p. 10-25, 24 dez. 2020. Universidade Federal do Espírito Santo. <http://dx.doi.org/10.47456/argumentum.v12i3.32628>.

SILVA, Ana Cláudia de Oliveira da. *As escritas de si e a emergência da autoficção: um campo de indefinições*. Literatura e Autoritarismo, Santa Maria, v. -, n. 20, p. 158-174, 13 jul. 2017. Universidade Federal de Santa Maria. <http://dx.doi.org/10.5902/1679849x27984>.

SOUZA, Angela Maria de; ALVES, Júlia Batista; RAMOS, Flavia Regina Dorneles (org.). *Vozes mulheres da América Latina*. São Paulo: Dandara, 2022.

SUDRÉ, Lu. "Onde está a Justiça?", diz Preta Ferreira, presa há mais de 70 dias sem provas. 2019. Disponível em:  
<https://www.brasildefato.com.br/2019/09/09/onde-esta-a-justica-deste-pais-diz-preta-f-erreira-presa-ha-72-dias-sem-provas#:~:text=Detida%20na%20Penitenci%C3%A1ria%20Feminina%20den%C3%A3o%20voltou%20mais%20para%20casa>. Acesso em: 20 maio 2021.

TATAGIBA, Luciana; PATERNIANI, Stella Zagatto and TRINDADE, Thiago Aparecido. Ocupar, reivindicar, participar: sobre o repertório de ação do movimento de moradia de São Paulo. *Opin. Publica* [online]. 2012, vol.18, n.2, pp.399-426. ISSN 0104-6276. <https://doi.org/10.1590/S0104-6276201>.

Recebido em 19/06/2023.

Aceito em 25/04/2024.